

## O NÚMERO DA BESTA: MITOS E REALIDADES

---



*"[16] Exigiu que grandes e pequenos, ricos e pobres, escravos e livres, todos recebessem uma marca na mão direita ou na testa. [17] E ninguém podia comprar nem vender coisa alguma sem essa marca, que era o nome da besta ou o número que representa seu nome. [18] Aqui é preciso sabedoria. Quem tem discernimento, trate de entender o significado do número da besta, pois é número de homem. Seu número é 666."* (Apocalipse 13.16-18 – Nova Versão Transformadora)

A literatura é a arte das palavras, aquela que por meio das figuras de linguagens exprime sensações, emoções, desejos. Para nos ajudar a melhor entendê-la, o filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) definiu aquilo que chamamos de gêneros literários. Os gêneros literários reúnem um conjunto de obras que apresentam características semelhantes e são classificados de acordo com a forma e conteúdo. Essa classificação pode ser feita de acordo com critérios semânticos, sintáticos, fonológicos, formais, contextuais, entre outros. Eles se dividem em três categorias básicas: gêneros lírico, dramático e épico ou narrativo – no qual se enquadra o livro do Apocalipse.

No gênero épico ou narrativo há a presença de um narrador, responsável por contar uma história na qual as personagens atuam em determinado espaço e tempo. O gênero épico ou narrativo representa a mais antiga das manifestações literárias e abarca as narrativas histórico-literárias de grandes acontecimentos, com presença de temas terrenos, mitológicos e lendários. Geralmente mistura elementos reais, simbólicos e imaginários, para contar histórias de heróis que quase sempre acabam como vencedores, depois de passar por desafios e aventuras espetaculares.

Quanto à estrutura, ao conteúdo e à extensão, pertencem ao gênero épico ou narrativo as seguintes modalidades: fábula, epopeia, novela, conto, crônica, ensaio, romance. Quanto à temática, as obras épicas ou narrativas podem ser histórias de amor, de ficção, de terror, de fantasias, policiais, apocalípticas etc. A apocalíptica é um tipo formal de literatura que floresceu de 200 a.C. até 100 d.C. **O texto apocalíptico implica a comunicação reveladora de segredos divinos por um ser sobrenatural a um vidente, que, por sua vez, apresenta as visões em uma estrutura narrativa. As visões conduzem os leitores a uma realidade transcendente, que é superior à situação presente e encoraja os leitores a perseverarem em meio às provações. As visões contrariam a experiência normal, ao revelar os mistérios divinos no mundo real e descrever a crise atual como uma situação temporária, ilusória.**

É completamente equivocada a crença segundo a qual ler um livro da Bíblia seja sinônimo de compreendê-lo automaticamente. Dificilmente será possível chegar ao sentido original de um livro,

apenas por meio de uma simples leitura, principalmente no caso de Apocalipse. O livro é de difícil interpretação. Isso se deve à existência de quatro principais problemas: o simbolismo; a estrutura do livro; o debate entre as interpretações historicista, preterista, idealista e futurista; e o fato de que praticamente todas as ideias realçadas no livro passam pela via da alusão ao Antigo Testamento.

O autor do livro é o apóstolo João, que se encontra exilado na ilha grega de Patmos. Lá ele recebe uma série de visões que Deus envia às igrejas da província romana da Ásia, por causa de problemas relacionados a uma forma de adoração ao imperador. Apesar de certa estabilidade na situação das igrejas, havia um nível razoável de perseguição romana – ainda que não oficial. A perspectiva do livro é de que a maior parte da opressão está por vir. Isso porque o imperador Nero, para se eximir de culpa, acusou os cristãos de terem incendiado Roma (64-68 d.C.) e iniciou uma terrível perseguição contra eles. Mas na época da composição do livro, a perseguição se limitava a Roma, uma vez que ainda não existia ação oficial imposta por Nero. Com o tempo, o que intensificou a perseguição aos cristãos foi a expectativa da participação pública no culto ao imperador. A relação entre o Estado e a vida religiosa romana fazia com que todos os cristãos se sentissem fortemente pressionados a participar da religião oficial. A maioria deles, no entanto, ainda não tinha percepção da crise, de modo que o objetivo do autor apocalíptico era despertar neles a compreensão do verdadeiro estado das coisas. Para isso, João constrói um universo simbólico sob o controle de Deus, com os verdadeiros cristãos como sacerdotes de Deus que não se curvam debaixo da pressão romana e se tornam governantes de Deus no reinado futuro. O autor busca convencer os membros das sete igrejas na Ásia a reconhecer a situação e a agir de acordo com ela, mudando seus valores.

O principal problema das igrejas na Ásia, no entanto, não era a perseguição imposta por Nero, mas fazer concessões. Um número grande demais de cristãos se sentia à vontade com um mundo pagão, de modo que o livro os leva a escolher entre a fidelidade a Cristo e a lealdade ao imperador. As advertências estão relacionadas com o futuro, sobre os cristãos serem influenciados e levados a fazer concessões. O livro não leva exatamente uma palavra de ânimo aos cristãos, mas os adverte diante da natureza disfarçada do culto ao imperador, dizendo-lhe que não se associem a essa prática. O perigo não estava no martírio, e sim na atração exercida pelo mundo pagão.

Embora não houvesse uma perseguição imperial oficializada, os cristãos sofriam muita pressão econômica e social para participarem da vida romana, incluindo as associações de classe, com suas festas idólatras e práticas cúlticas, além do culto ao imperador. Quando os cristãos se recusavam a participar, naturalmente atraíam muita antipatia, oposição diária e sinais de uma perseguição intensificada em um futuro próximo.

O livro do Apocalipse visa persuadir os leitores a reagir à pressão de se conformar às práticas pagãs, animar os fiéis a perseverar na fé e alertar os fracos a não fazer concessões. A perspectiva fundamental do livro é a exortação para que os cristãos suportem a perseguição com base na realidade

transcendente do reino de Deus no presente, fundamentada no controle que ele tem do futuro. Mas João também escreve para encorajar os cristãos perseguidos, de modo que permaneçam fiéis, e para lhes prometer que Deus haveria de recompensá-los por todo o sofrimento que enfrentavam.

Talvez mais do que qualquer outro livro, a compreensão de Apocalipse depende do método de interpretação adotado. Dependendo do método aplicado, a besta dos capítulos 11 e 13 é uma referência a Nero, aos impérios mundiais, ao papa (visão adotada pelos reformadores protestantes), a Hitler ou a um anticristo do futuro. Em resumo, a interpretação do livro estará relacionada a adoção de uma ou mais opções das quatro categorias abaixo:

**1. Historicista.** Alega que o Apocalipse profetiza os acontecimentos da história ocidental desde o tempo dos apóstolos até o presente. Nesse método, os selos, as trombetas, as taças etc., tem a ver com o desenvolvimento da igreja dentro da história mundial. A besta (o Anticristo) é identificada de modos variados como o papa, Napoleão, Mussolini ou Hitler. Esta técnica de interpretação é considerada frágil pelo fato de precisar ser reformulada a cada novo período histórico. Por isso, hoje são poucos os estudiosos que adotam essa posição.

**2. Preterista.** Afirma que os pormenores do livro se relacionam com a situação vivida por João e não a um período futuro. Nesse método, os símbolos são referências a acontecimentos do primeiro século vivenciados pelos primeiros leitores, a quem João diz como Deus haverá de livrá-los de seus opressores. Considera que o livro trata da opressão romana e da queda do Império Romanos. A besta, desse modo, seria o Império Romanos ou o imperador, e os selos, trombetas e taças seriam juízos que Deus derrama sobre a própria Roma. Assim, o livro descreve o conflito entre igreja e Estado, entre a fidelidade a Deus e a tolerância com o mundo pagão.

**3. Idealista.** Argumenta que os símbolos não se relacionam com acontecimentos históricos, mas com verdades espirituais atemporais. Trata-se da batalha entre Deus e mal e entre a igreja e o mundo de todas as épocas na história da igreja. Os selos, as trombetas e as taças retratam os julgamentos de Deus sobre os pecadores de todos os tempos, e a besta é uma referência a todos os impérios anticristãos em toda a história.

**4. Futurista.** Empregado por alguns dos primeiros pais da igreja, ficou fora de cena por mais de mil anos. A visão literal do livro foi resgatada pelo jesuíta espanhol Francisco Ribeira, no final do século 16 para combater a interpretação antipapal da Reforma. O futurismo interpreta o livro como eventos que acontecerão no fim da história, dando início ao fim do mundo. A interpretação futurista também apresenta fragilidades porque desenvolve uma perspectiva que elimina a relevância do livro para os cristãos do primeiro século.

Nas últimas décadas, muitos estudiosos têm preferido combinar algumas linhas de pensamento acima. Em decorrência disso, criaram uma nova categoria de interpretação: a **Eclética**, também

chamada de “visão profética”. Nela, os métodos preterista, idealista e futurista interagem de tal forma que os pontos fortes são destacados e, as fragilidades de cada um, minimizados. **As visões de João descrevem principalmente os acontecimentos que marcarão o fim da história mundial [método futurista]**. Os santos são os cristãos que estiverem vivos no período do fim. A besta é o Anticristo que conduzirá os incrédulos em um último ataque contra todo o povo de Deus. Os selos, as trombetas e as taças simbolizam uma série final de julgamentos pelos quais Deus fará com que os males praticados pelas nações recaiam sobre elas mesmas, a fim de provar Sua soberania de uma vez por todas e lhes dar a última oportunidade de arrependimento. **Mas as visões de eventos do futuro também se aplicam a João e a seus leitores no presente [método preterista]**. Muitas figuras usadas para descrever a besta e a grande Babilônia vem de equivalentes reais do primeiro século. A besta é uma figura final semelhante a Nero, e a Babilônia é o supremo e ímpio Império Romano. **Outra maneira de definir as visões de João é aplicá-las ao presente por meio de paralelos com o futuro [método idealista]**. Os acontecimentos do fim também são símbolos eternos que servem para desafiar a igreja em todas as eras. A grande tribulação de três anos e meio fornece modelos de tribulações semelhantes sofridas pelos santos ao longo da história.

Portanto, para que haja a interpretação do livro do Apocalipse de forma adequada, cada acontecimento descrito no livro precisa primeiro ser analisado dentro do seu contexto imediato e aplicado para os dias de João. Feito isso, busca-se uma correlação entre os princípios de interpretação aplicados aos dias de João e a forma de interpretarmos o texto para os nossos dias – sem deturpar a passagem bíblica e sem perder a lógica na composição das ideias. Por último, procura-se aplicar o texto bíblico através do vislumbre de um horizonte futuro.

No contexto histórico que envolve o nosso texto bíblico em questão, a rebelião final de Satanás será empreendida de forma implacável. Para promover essa grande batalha contra Deus e seu povo, Satanás imita a Santíssima Trindade e estabelece a própria trindade falsa: o dragão (ele mesmo), a besta do mar ou o Anticristo (o líder político do movimento) e a besta da terra ou o falso profeta (o líder religioso do movimento). O dragão usa essas criaturas para ganhar controle tanto do sistema político quanto do religioso e cria, assim, um único governo mundial (com o Anticristo como “rei dos reis”) e uma religião mundial (com o Anticristo como ídolo do mundo). A combinação dos domínios político e religioso é o cerne do poder absoluto da falsa trindade sobre as nações. Este tem sido o método de Satanás desde os egípcios da época de Moisés, passando pelos babilônios e persas dos dias de Daniel, pelos romanos dos dias de João, chegando até os governos do nazismo e do stalinismo no século 20. O povo de Deus tem sido sempre perseguido e desencaminhado à idolatria e à imoralidade pelas mesmas forças do mal. Em outras palavras, o que é dito sobre o Anticristo final também se encaixa na descrição de muitos “anticristos” que o precederam, tanto no aspecto político quanto no religioso. De acordo com o apóstolo Paulo, *“essa perversidade já opera secretamente e permanecerá em segredo até que se afaste aquele que a detém”* (2Tessalonicenses 2.7 – NVT).

Em meio ao cenário descrito acima, a segunda besta (o líder religioso do movimento) faz com que todos recebam um sinal para identificar sua fidelidade com o Anticristo. O propósito dessa marca, além de indicar propriedade, significa tanto o abandono de sua lealdade anterior como a aceitação absoluta de uma nova lealdade. Os romanos costumavam colocar tatuagens ou marcas de ferrete nos escravos para indicar propriedade, e o mesmo se fazia com os soldados ou os membros de determinadas seitas, que se devotavam a algum deus em particular. Portanto, o mais provável é que o sinal seja uma tatuagem ou uma marca de ferrete – instrumento de ferro posto em brasa e destinado a marcar escravos, criminosos e animais.

Ninguém pode comprar ou vender sem possuir o sinal. Haverá pressão econômica para se conformar à vontade da besta. Nas cartas a Esmirna e Filadélfia, os cristãos haviam sido afetados pela pobreza (2.9) e tinham “pouca força” (3.8), por causa da oposição dos judeus. Em Pérgamo e Tiatira, a estrutura de associações comerciais, que controlava a vida da cidade, impunha uma enorme pressão econômica sobre os cristãos para se conformarem às tradições pagãs. Portanto, crentes perderão seus empregos e posses, mas Deus os recompensará por toda a perda que tiveram. Isso era verdade no primeiro século, é verdade hoje e será verdade sob a perseguição econômica universal do Anticristo.

As pessoas não podem comprar nem vender, se não têm a marca da besta, que agora é identificada com seu nome, e esse nome é identificado, a seguir, com o número do seu nome. Nesse ponto da narrativa bíblica, João faz uso da prática antiga conhecida como “gematria”, que se baseava no fato de que as letras do alfabeto hebraico eram também usadas como números em cálculos. As nove primeiras letras eram os números de um a nove, as outras nove indicavam as dezenas até noventa, e assim por diante. Portanto, cada nome ou palavra hebraicos tinham também um significado numérico e os antigos rabinos faziam conexões curiosas entre palavras ou expressões que tinham o mesmo valor numérico. É praticamente certo que o número aqui em Apocalipse se refere a um nome, não a uma expressão, e também é provável que a referência secreta fosse conhecida pelos leitores de João.

Talvez nenhum versículo na Bíblia tenha sido objeto maior de especulação do que Apocalipse 13.18. O número da besta esteve relacionado ao longo dos séculos com, literalmente, centenas de possibilidades diferentes. **João esperava que seus leitores entendessem o número. Sendo assim, a solução consiste em um simbolismo do primeiro século, não do século atual.** Um dos nomes mais frequentes sugerido é “Nero César”. Quando esse nome é transliterado para o hebraico, fica assim: קסר נרון, cuja soma daria 666 (ק = 100; ס = 60; ר = 200; נ = 50; ר = 200; ו = 6; ן = 50). A vinda do Anticristo seria semelhante à figura de Nero, o qual seria o arquétipo desse anticristão maligno. Nesse sentido, o uso de 666 como uma contraparte tríplice (666 sendo usado de forma semelhante a “santo, santo, santo”, em Apocalipse 4.8) da completude do número sete e da perfeição absoluta de “Jesus” como 888 poderia também ser intencional. O Anticristo é “incompleto, incompleto, incompleto” comparado ao completamente perfeito “Jesus” (888). À luz disso, a adoração à besta, cujo número é

666, adquire um significado adicional. Esta era terminará com a adoração ao homem, em vez da adoração a Deus. Contudo, o Apocalipse está no grego, e fala do Alfa (Α, α) e do Ômega (Ω, ω), letras do alfabeto grego; e não Álefe (א) e Tau (ט), letras do alfabeto hebraico. Assim, há somente especulação ao atribuir-se o número 666 a Nero. O Apocalipse, contudo, nada fala sobre a soma de números do nome da besta. A única chave é esta: “é o número de homem”. Expositores da Bíblia interpretam o seis para simbolizar a raça humana. O três para designar a Trindade. A tripla repetição – 666 – pode simplesmente significar que o Anticristo é um homem que crê ser um deus, membro de uma trindade composta pelo Anticristo, Falso Profeta e Satanás.

Da **perspectiva preterista**, os leitores de João teriam visto nessa passagem o concílio supremo da região e do sacerdócio do culto ao imperador pressionando-os a participar da adoração ao imperador. Esperava-se que eles participassem das festas das guildas comerciais, bem como das cerimônias do templo. Na **abordagem idealista**, da mesma forma que há “muitos anticristos” (1João 2.18) hoje, há também muitos falsos profetas, ou seja, falsos mestres desviando o povo de Cristo para adorar deuses falsos. Nunca na história houve tantas seitas como em nossos dias. Em concordância com a **perspectiva futurista**, a tese deste comentário é a de que a passagem descreve o “período de tribulação” final da história, quando a besta / o Anticristo sobe ao poder e a segunda besta / o falso profeta se torna o primeiro-ministro, ou sumo sacerdote, do império do mal, obrigando o mundo a escolher entre Cristo e a besta. Depois que o Anticristo é assassinado e retorna à vida, o falso profeta erigirá uma estátua e a fará viver, inaugurando assim o período em que cada pessoa aceitará o “sinal” da besta ou morrerá. A recusa em participar da adoração universal à besta será considerada crime capital. Embora pareça impensável, no presente período da história, que tal estado de coisas venha a ocorrer, devemos lembrar que vivemos apenas setenta anos depois da ascensão de Hitler e Stalin, e é completa arrogância pensar que algo semelhante não poderia acontecer novamente.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

HORTON, Stanley M.. *Apocalipse: as coisas que brevemente devem acontecer*. Trad. Cláudio Rogério. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. 253 p.

OSBORNE, Grant R.. *Comentário exegético: Apocalipse*. Trad. Robinson Malkomes e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2014. 999 p.